

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O LEITOR: UMA LEITURA DE A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA, DE MOACYR SCLIAR

Reception aesthetics of and the reader: a reading about *The Woman who wrote the Bible* by Moacyr Scliar

Ana Flávia da Silva Oliveira¹

<https://orcid.org/0000-0001-5015-1091> 

Jaqueline Vieira de Lima¹

<https://orcid.org/0000-0001-7148-053X> 

¹ Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB,
Brasil. 58101-001 – ppgli.uepb@gmail.com

Resumo: O presente artigo trata-se de um estudo sobre *A mulher que escreveu a Bíblia* (2007), do escritor Moacyr Scliar. O nosso objetivo é estabelecer relações entre a obra literária e a Teoria da Recepção, buscando destacar a ruptura do horizonte de expectativa do leitor, bem como observá-lo como responsável pelo preenchimento das lacunas ou vazios apresentados no texto, deixados pelo autor. Assim, buscamos contribuir com pesquisas de análise literária que se voltam para a Estética da Recepção. A nossa leitura é desenvolvida a partir do método da crítica textual, através de uma pesquisa bibliográfica de base interpretativa. Para embasar as nossas reflexões, respaldamo-nos nos estudos de Wolfgang Iser (1979 e 1999); Hans Robert Jauss (1994); Luiz Costa Lima (1979); Mirian Hisae Yaegashi Zaponne (2019); Regina Zilberman (2008; 2015), dentre outros. Após a leitura do romance, constatamos que, tanto por meio da mobilização do horizonte de expectativa, como utilizando de prováveis interpretações, o leitor é instigado a participar, de forma efetiva, do processo de criação da obra, atribuindo-lhe sentido; configurando, dessa forma, a relação dialógica entre literatura e leitor, ideia defendida por Jauss.

Palavras-chave: *A mulher que escreveu a Bíblia*; estética da recepção; leitor; horizonte de expectativa; interpretação.

Abstract: This paper is a study about *The woman who wrote the Bible* (2007) by the writer Moacyr Scliar. Our aim is to establish relations between the literary work and the Reception Theory searching to stand out the break in the horizon of expectation of the reader, as well as, to observe him/her as the responsible for the filling down of the gaps or the emptinesses presented into text left by the author. Therefore, searching to contribute with literary analysis research which turn to Reception Aesthetics, our reading has been developed from the textual-criticism method through a bibliographical research with an interpretive basis. To base our reflections, we have supported in the studies, amongst others, by Wolfgang Iser (1979); Hans Robert Jauss (1994); Luiz Costa Lima (1979); Mirian Hisae Yaegashi Zaponne (2008; 2019); and Regina Zilberman (2015). In the face of the reading about the novel, we have noticed that, as through the mobilization of the horizon of expectation much as through probable interpretations, the reader is instigated to participate, in an

effective way, in creation process of the work attributing it meaning; configurating, in this way, the dialogic relation between the literature and the reader, an idea argued by Jauss.

Keywords: *The Woman Who Wrote the Bible*; reception aesthetics; reader; horizon of expectation; interpretation.

Introdução

A Estética da Recepção, vertente teórica da Literatura, surgiu no século XX, com as concepções desenvolvidas e apresentadas por Hans Robert Jauss, em 13 de abril de 1967, em uma conferência de abertura do semestre de verão da Universidade de Constança.

Os debates estabelecidos em torno dessa teoria revelam novas configurações sobre a Teoria Literária, isso pelo fato dela se voltar para a recepção e o efeito dos textos literários, uma vez que os estudos de literatura produzidos até meados do século XX não levavam em consideração a participação do receptor no processo de construção de sentido do texto. Jauss (1994) critica, principalmente, o Formalismo – método imanentista –, e o Marxismo – sociologia da literatura –, em especial, pelo papel limitado e superficial que é dado à recepção nessas teorias.

Ao se reportar às duas teorias mencionadas, o crítico literário alemão afirma: “Seus métodos compreendem o *fato literário* encerrado no círculo fechado de uma estética da produção e da representação” (Jauss, 1994, p. 22). Dessa forma, “ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito” (Jauss, 1994, p. 22). Para o Formalismo, a função da percepção do sujeito leitor é distinguir a forma ou desvendar os procedimentos através dos quais o texto é construído, já que este funda uma realidade autônoma. Nesse caso, o foco de atenção recai sobre a figura do autor.

O Marxismo, por sua vez, busca uma leitura dos fenômenos literários a partir da relação entre literatura e realidade social. Sendo assim, a relevância do leitor é condicionada ao fato de ele apenas representar uma posição social. Portanto, essas duas correntes não consideram a recepção e os efeitos provocados nos leitores pelas obras, atribuindo-lhes um papel, além de limitado, passivo.

Conforme Luiz Costa Lima (1979, p. 16), “o descaso do leitor se fazia em nome da importância estética da obra”. No entanto, recuperando a ideia de Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1979) de que o texto literário apresenta lacunas, o autor considera que para preencher tais lacunas “teria sido preciso trazer o leitor para a estrutura da obra, isto é, mostrar que seu papel vivo e ativo é previsto pela própria estrutura da obra” (Lima, 1979, p. 20). Destarte, isso é possível porque a Teoria da Recepção entende o leitor como um ser dinâmico, capaz de participar ativamente da construção de sentido do texto, completando o seu sentido, como já afirmamos. Desse modo, tal teoria, dentre outros aspectos, “reflete sobre o leitor, a experiência estética, as possibilidades de interpretação [...]” (Zilberman, 2015, p. 08), o que possibilita ao “estudioso alargar o alcance de suas investigações” (Zilberman, 2015, p. 08).

Diante disso, buscando contribuir com pesquisas de análise literária que se voltam



para o papel e a importância do leitor na construção do texto literário, o presente artigo tece reflexões sobre as possíveis interpretações que o receptor pode extrair de *A mulher que escreveu a Bíblia* (2007), do escritor gaúcho Moacyr Scliar. O nosso objetivo é estabelecer relações entre o romance e a Teoria da Recepção, buscando destacar a ruptura do horizonte de expectativa do leitor, bem como observá-lo como responsável pelo preenchimento das lacunas ou vazios apresentados no texto, deixados pelo autor. Configurando, dessa forma, a relação dialógica entre literatura e leitor, ideia defendida por Hans Robert Jauss (1994).

Nossa abordagem centra-se em estudos acerca do tema, realizada através de uma pesquisa bibliográfica e pautada em uma análise de interpretação textual, aplicando as reflexões críticas ao estudo do romance escolhido como *corpus* e buscando respeitar as suas particularidades estéticas. Na consecução de tal objetivo, as ponderações, ao longo do trabalho, respaldam-se, entre outros, nos estudos de Marcelo Coelho (1999); Wolfgang Iser (1979 e 1999); Hans Robert Jauss (1994); Luiz Costa Lima (1979); Mirian Hisae Yaegashi Zaponne (2019); Regina Zilberman (2008; 2015).

Publicado originalmente em 1999, o livro ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 2000. Moacyr Scliar é filho de judeus que foram perseguidos na europa e vieram se refugiar no Brasil. Nascido em 23 de março de 1937, o autor possui um vínculo significativo com a Bíblia, tanto por sua origem judaica, como por ter estudado em uma escola católica, o que proporcionou os seus conhecimentos sobre a cultura judaico-cristã. Considerado um dos mais atuantes na produção literária contemporânea brasileira, autor de mais de 70 livros em vários gêneros, Scliar faleceu em 27 de fevereiro de 2011.

Em uma entrevista concedida ao programa Roda Viva, em 16 de agosto de 2010, o escritor afirma considerar a Bíblia a maior obra literária já produzida na História. Reconhecendo na escritura sagrada sua conotação literária – como deixa claro no romance em estudo, ao se referir ao livro sagrado como “monumento literário” (Scliar, 2007, p. 116) e “templo literário” (Scliar, 2007, p. 91) –, o romancista utiliza-se de suas temáticas para escrever três de seus romances: *Os vendilhões do tempo* (2006); *O manual da paixão solitária* (2009); além de *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999).

Esse último narra, em primeiro plano, a história de uma mulher que descobre, através de terapia de vidas passadas, ter sido uma das setecentas esposas do rei Salomão, no século X a.C. Era feia, mas por saber ler e escrever, o soberano a encarregou de escrever um livro contando a história da humanidade, pois a junta de escribas que se dedicava à tarefa há mais de dez anos, não tinha conseguido realizá-la.

A Mulher que escreveu a Bíblia e as possibilidades de interpretações do leitor: horizonte de expectativas e espaços vazios

Conforme Jauss (1994), para conferir sentido a um texto literário, o leitor mobiliza uma série de conhecimentos prévios, os quais também podem ser evocados pela obra, servindo de critérios para que se construa um sistema de referências acionado a cada

leitura e, assim, conferindo ao texto um acontecimento literário. Nesse sentido, um romance, por exemplo, “só se torna acontecimento literário quando o leitor o lê, observando suas particularidades em relação a outros textos literários que já tenha lido, o que faz adquirir novos parâmetros para avaliação de outras obras que vem a ler posteriormente” (Zappone, 2019, p. 189). Para a estudiosa, por esse motivo, “o texto literário não é um fato, nem uma ação, mas um ato de recepção” (Zappone, 2019, p. 189). Dessa forma, “O sistema histórico-literário que cada leitor utiliza em cada obra recebe o nome de horizonte de expectativa” (Zappone, 2019, p. 189).

Partindo dessa concepção, compreendemos que, a partir do título do romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, no ato da leitura, cria-se perspectivas em relação ao conteúdo abordado na obra, principalmente, por se tratar de uma possível releitura da Bíblia, livro conhecido mundialmente, independente do nome que receba e da religião seguida. Desse modo, ampliando a expectativa do receptor, a narrativa é introduzida da seguinte forma:

Em Jerusalém, há quase três mil anos, alguém escreveu um trabalho que, desde então, tem formado a consciência espiritual de boa parte do nosso mundo [...]. Não era um escriba profissional, mas antes uma pessoa altamente sofisticada, culta e irônica, destacada figura da elite do rei Salomão [...]; uma mulher, que escreveu para seus contemporâneos como mulher. HAROLD BLOMM, *The Book of J* (Scliar, 2007, p. 05).

Operando seus conhecimentos prévios, o leitor recupera a informação de Harold Blomm, crítico americano defensor, na obra citada, da ideia de que uma das versões originais da Bíblia teria sido escrita por uma mulher. Assim, o receptor permanece na expectativa do texto tratar do assunto dentro do contexto ao qual ele tem conhecimento sobre a “escritura sagrada”.

Em seguida, o leitor depara-se com o relato de um ex-professor de História, o qual tornou-se, posteriormente, terapeuta de vidas passadas. Na narração, o homem afirma ter atendido uma mulher, filha de um fazendeiro, que não se dava bem com o pai. Ele se apaixonou pela paciente, mas descobre que a jovem optou por partir com seu antigo amor, deixando-lhe uma carta. Na correspondência “*continha a história que havia escrito baseada em viagens ao passado. Dedicava-a a mim; eu estava autorizado a fazer com a narrativa o que desejasse. Desde que não mencionasse seu nome, poderia, inclusive, divulgá-la*” (Scliar, 2007, p. 14, grifo do autor).

Com isso, o leitor fica sabendo que conhecerá a história a partir da leitura da carta a ser realizada pelo profissional. Como podemos observar, diante do primeiro contato com *A mulher que escreveu a Bíblia* (2007), o receptor tem um horizonte de expectativa. Visto que,

a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a ‘meio e fim’, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte

geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores (Jauss, 1994, p. 28).

No entanto, o romance rompe com esse horizonte de expectativa, pois o leitor passa a perceber uma realidade diferente da esperada por ele. Isso porque, ao entrar em contato com a narrativa escrita pela mulher, é surpreendido por um enredo inovador, tendo diante de si uma história repleta de ironias e de uma linguagem dividida entre as conotações bíblicas de sua época – conforme acontece quando ela confronta o espelho ao descobrir sua feiura: “Por que não me arrancou Jeová da mão aquele revelador, mas funesto objeto? Hein, Jeová? Por que não tomaste alguma providência, tu que sabes tudo, tu que podes tudo? Podias ter reduzido o espelho a pó, com o simples ato de tua vontade [...]” (Scliar, 2007, p. 19) –, e a informalidade da linguagem contemporânea: “*Não esquenta, querida, o rei vai te chamar*” (Scliar, 2007, p. 57, grifo nosso).

Apesar do enredo estar situado no século X a.C., expressões atuais, utilizadas pela narradora, são constantes e marcantes, tendo em vista juntar-se a isso a linguagem erótica verbalizada pela personagem feminina, como ocorre ao se referir ao rei Salomão, afirmando: “em termos de sexo, *ele tinha o curso completo, com especialização, mestrado, doutorado*” (Scliar, 2007, p. 59, grifos nossos). Quanto a ela, revela que, antes de ser levada para o harém do rei, aliviava os seus anseios sexuais masturbando-se com uma pedra: “O certo é que a pedra – pelo tamanho, pelo formato ovoide, e sobretudo pela lisura – servia perfeitamente para o que eu queria. Essa pedra substituiria o amante que eu, feia, nunca teria. Introduzida na vagina, far-me-ia gozar” (Scliar, 2007, p. 25). À vista disso, por ser feia, sem perspectiva de uma vida conjugal feliz, a moça passa a ser “amante” de uma pedra e confessa:

A partir daí a boa pedra me proporcionou muitos e muitos momentos de amargo e solitário prazer. Oculto sob outras pedras, essas de aparência comum, grosseira, o querido calhau aguardava por mim; impaciente, antecipando o momento de penetração em certa grutinha úmida; fremindo, sim, de prazer (Scliar, 2007, p. 25).

Já na corte de Salomão e encarregada de escrever o livro, ela continua com sua linguagem peculiar. No começo, tentou redigir à sua maneira. Decidindo, assim, por iniciar com a origem do homem, por considerar um equívoco a ideia de a mulher ter sido criada da costela de Adão. Desse modo, a narradora descreve:

Criados, o primeiro homem e a primeira mulher enamoram-se loucamente um do outro, e aí transformam o Éden num cenário de arrebatadora paixão. Fodem por toda parte, na grama, na areia, à sombra das árvores, junto aos rios. Fodem sem parar, como se a eternidade precedendo a criação nada mais contivesse que a paixão deles sob forma de energia tremendamente concentrada. *O encontro dos dois era, portanto, uma espécie de Big-Bang do sexo, muito Big e muito Bang.* Todas as posições eram usadas, todas as variantes experimentadas, isso sob o olhar curioso das cabras e dos ornitorincos e, mais, sob o olhar benévolos de Deus.

Que, na minha versão, não os expulsava do Paraíso; ao contrário, encorajava-os: agora que descobristes o amor, podeis enfrentar a vida como ela é, a vida cheia de som e de fúria (Scliar, 2007, p. 96, grifo nosso).

Os trechos transcritos reforçam a ideia de rompimento do horizonte de expectativa do leitor, compreendendo que a forma como o relato Bíblico é apresentado difere totalmente do seu conhecimento prévio. Por conseguinte, a afirmação em destaque faz lembrar da oposição existente entre a “ciência” e a “cultura judaico-cristã” a respeito da criação do planeta Terra. A primeira defende a teoria de que o mundo foi criado em consequência de uma explosão causada pelo meteoro “Big Bang”. Enquanto a segunda, argumenta que o planeta Terra foi criado por um “Deus Todo Poderoso: onipotente, onipresente e onisciente”. Já na versão escrita pela protagonista, a humanidade teria se formado por uma explosão do sexo.

Logo, para atribuir significação à obra, o leitor mobiliza os saberes que possui e constrói novos, adquiridos a partir da leitura. Dessa maneira, o texto não se apresenta como o esperado, porém, é nesse diálogo estabelecido entre o texto e o leitor que acontece o processo de significação da obra, possibilitando, ao mesmo tempo, uma nova visão de mundo e a oportunidade de adquirir novas referências para leituras futuras.

Contudo, o fato de o romance não satisfazer as expectativas do receptor, não pode ser visto como uma característica negativa, ao contrário, a obra “destaca-se quando não se equipara a esse horizonte, pois se o fizesse, nem seria notada” (Zilberman, 2008, p. 93). Zilberman pondera ainda que “cada obra procura se particularizar diante do universo para o qual se apresenta, particularização que se evidencia quando rompe com os códigos e as normas predominantes” (Zilberman, 2008, p. 93). E, ao romper os códigos e normas vigentes, rompe, do mesmo modo, com o horizonte de expectativa do leitor. Compreende-se, portanto, que:

O caso ideal para a objetivação de tais sistemas histórico literários de referência é o daquelas obras que, primeiramente, graças a uma convenção do gênero, do estilo ou da forma, evocam propositadamente um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo (Jauss, 1994, p. 28).

Nesse sentido, como o horizonte de expectativa depende da obra e do leitor, ele pode se modificar ou não durante o processo de leitura. Sendo assim, podemos concluir que o receptor se surpreende com o título do romance em estudo para, em seguida, entender que o conteúdo escrito não corresponde ao que era esperado. Nem mesmo quando a narradora assume que irá escrever a Bíblia, não da forma desejada por ela, mas conforme as orientações dos escribas, visto que, até nesse momento, viola os códigos vigentes, pela linguagem utilizada: “Assim, me vi, no dia seguinte, escrevendo a história tal como eles queriam. A mulher sendo fabricada a partir de uma costela de Adão. A mulher dando ouvidos à serpente. A mulher provando do fruto da Árvore do Bem e do Mal” (Scliar, 2007, p. 104). E conclui: “Em suma: *a mulher cagando tudo*” (Scliar, 2007, p. 104, grifo



nosso).

Para além do horizonte de expectativa, a obra também permite uma observação acerca dos espaços considerados como vazios. Essas lacunas, deixadas pelo autor, oportunizam ao leitor fazer possíveis inferências ao texto, possibilitando-o realizar possíveis interpretações através de elementos implícitos. Nesse sentido, ao comparar o texto a um campo de jogo e o leitor a um jogador, Iser (1997) defende que: “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim interpretá-lo” (Iser, 1979, p. 107). Dessa forma, um dos aspectos que permite interpretações para completar o sentido do texto, diz respeito à autenticidade da carta. Pois, em um processo de comunicação próprio da literatura, o autor vai deixando pistas ao longo do relato, podendo levar o receptor a compreender que a carta pode ser uma criação ficcional do professor. Isso porque, quando ele explica o motivo de ter se tornado terapeuta de vidas passadas, esclarece que, em suas entrevistas, conta uma história fantasiosa pelo fato de as pessoas acreditarem e gostarem.

Nessa ocasião, o professor informa a transformação de um de seus alunos que mudou de atitude após descobrir ter sido, em vidas passadas, um rei poderoso e cruel: “*Essa é a história que conto nas entrevistas. E já a contei tantas vezes que para mim se tornou verdade. Fato ou ficção, o certo é que as pessoas gostam muito, e é o que importa*” (Scliar, 2007, p. 10, grifo do autor). Além disso, o relato do professor é apresentado em itálico e o receptor pode compreender esse fato como sendo uma forma utilizada pelo romancista, no jogo textual, para distanciar o terapeuta dos acontecimentos apresentados por ele posteriormente, em uma tentativa de fazer o leitor considerar tratar-se de uma narrativa autônoma.

Entretanto, diante da declaração acima, o leitor pode inferir que toda a sequência referente à história da mulher que escreveu a Bíblia, contada pelo terapeuta, não seja verdade. Nessa perspectiva:

Toda a narrativa da heroína, apresentada como contemporânea de Salomão, vai-se revelando apócrifa também. Teria sido recolhida por um ex-professor de história [...] que é quem apresenta o relato [...]. Lendo o romance, ficamos na dúvida se foi de fato a ex-paciente quem escreveu o relato; pois o deboche, o tecnocratês, o tom insolente que ali aparecem são inconfundivelmente masculinos... o terapeuta de vidas passadas se torna suspeito (Coelho, 1999).

Para Xavier (1999, p. 18), até metade do século XX, a “crítica oficial, com raras exceções, atribuiu um estatuto inferior à mulher escritora e cobrava dela formas consideradas mais adequadas à ‘sensibilidade feminina’”. Por esse motivo, ainda existe uma visão que determinadas formas de se escrever sejam atribuídas a um homem e não a uma mulher. Contudo, excederia o nosso objetivo estabelecer distinção entre escrita de homem e escrita de mulher. Todavia, seguindo as concepções adotadas por Coelho (1999), consideramos que o leitor, enquanto receptor, ao carregar consigo experiências prévias de leitura, pode interpretar as muitas expressões utilizadas pela mulher como semelhante a



uma linguagem masculina, como podemos observar no trecho seguinte, quando a narradora-protagonista relata o encontro com o escriba que a ensinou a ler e escrever:

Um dia, ele me chamou à tenda que lhe servia de escritório. Vem cá, disse, com ar misterioso, quero falar contigo.

Confesso que, no primeiro momento, pensei em *sacanagem*. Com um certo medo, mas também com certa excitação – teria chegado o momento em que a pedra seria substituída por um *caralho*, verdadeiro ainda que idoso? –, entrei na tenda, onde havia apenas uma mesinha e um banco rústico. Ali ficamos, os dois de pé, ele me olhando de maneira estranha. É agora, pensei, que ele vai me mandar tirar a roupa. Mas não: – Vou – anunciou, em voz solene, se bem que um pouco trêmula – ensinar-te a escrever (Scliar, 2007, p. 29, grifo nosso).

Um outro momento em que se recupera esse erotismo não condizente com a “sensibilidade feminina”, pode ser observado no encontro da moça com um dos escribas responsáveis por revisar o texto escrito por ela. Nesse momento, o leitor depara-se com o seguinte diálogo: “Perturbou-me muito. Aquela parte em que descreves Adão e Eva fazendo amor sobre o capim molhado... *Puta merda*, aquela parte é fogo [...]. Interrompeu-se e, num gesto brusco, abriu a túnica. Coisa espantosa: *estava de pau duro*” (Scliar, 2007, p. 100, grifo nosso).

Na sequência, a protagonista acrescenta: “Era um pênis enorme, o dele, comicamente desproporcional à diminuta estatura do homenzinho, um vergalhão imenso que quase, eu diria, o desequilibrava. A vontade que tive foi de rir, de rir às gargalhadas, de estourar de rir diante daquela cômica cena” (Scliar, 2007, p. 101). O riso, nesse contexto, pode ser visto como uma forma de resistência e subversão ao poder patriarcal e religioso predominante no espaço onde a personagem feminina se encontra. Ao rir, a narradora-protagonista está, de certa forma, desafiando as normas e expectativas sociais que lhe são impostas.

Assim, o leitor pode compreender a inserção da cena cômica como uma estratégia literária para abordar questões críticas de forma mais sutil, visto que, as ressalvas ao trabalho exercido pela mulher configuravam-se como uma forma de dominação masculina, impedindo-a de desenvolver qualquer atividade que compete com as profissões tidas como para homens, como as desenvolvidas no campo da escrita, por exemplo. Isso porque, dentro de um contexto social visivelmente falocêntrico, a educação feminina estava voltada para o cuidado da casa e do marido, limitando a mulher a não exercer outras formas de trabalho para além do seu devotamento ao lar.

Desse modo, o autor deixou pistas ao longo do texto que não são retomadas nem explicadas, facultando ao leitor a responsabilidade de preencher esses espaços em busca do sentido e da coerência do relato. Nesse sentido, a cena cômica pode ser uma crítica social às normas e expectativas enfrentadas pelas mulheres em uma sociedade patriarcal, dado que, conforme Iser (1999):

O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo



incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não-dito como o que é significado. Daí resulta um processo dinâmico, pois o dito parece ganhar sua significância só no momento em que remete ao que oculta (Iser, 1999, p. 106).

Sendo assim, em busca de interpretar o oculto na obra, o leitor pode entender, ainda, a figura da mulher como não sendo representativa de uma classe que supera as adversidades e torna-se superior e respeitada pela sua inteligência como, aparentemente, tenta parecer. Porque, em uma leitura mais atenta, o receptor percebe que ela não se sobressai em relação aos homens da corte de Salomão. Além disso, por mais que saber ler e escrever fosse algo significativo naquele contexto, tal condição não foi fundamental para que lhe fosse destinada a tarefa de redigir a obra com a história da humanidade. Isso só ocorreu porque não havia um homem no local capaz de realizar tal incumbência. Caso existisse, sua inteligência, provavelmente, nem ao menos teria sido notada.

Ademais, a protagonista desenvolve o seu trabalho sob a supervisão e a vigilância dos escribas profissionais, obedecendo às suas ordens, sem poder expressar livremente a sua criatividade, como já foi mencionado. Logo, “fora derrotada, fragorosamente derrotada. Minhas esperanças de seduzir Salomão via texto tinham ido por água abaixo. Pior: agora os velhos assumiam o comando, e eu não tinha ninguém que me defendesse” (Scliar, 2007, p. 104).

Assim, ela acaba por se conformar com a sua situação: “Contra eles eu não tinha a mínima chance. Ouvi, portanto, em silêncio o veredito. Tudo que me restava era a submissão” (Scliar, 2007, p. 104). Portanto, essa questão também permite ao leitor interpretar que, mesmo considerando a possibilidade da veracidade do relato, uma vez que pode ser inventado pelo professor, a mulher apenas teria redigido os acontecimentos conforme lhes eram repassados pelos escribas. Reafirmando a inferiorização da mulher outrora e nos dias atuais. Isto é, a proliferação do pensamento hegemônico supremacista masculino advém de eras longínquas e reverberam-se na contemporaneidade. Isso, portanto, é deixado a critério da interpretação do leitor.

De acordo com Coelho (1999), “Scliar parece fazer uma ‘desleitura’ de Bloom, numa nova camada de ironia”, visto que, tal “desleitura” apresenta-se nas possíveis interpretações, levando o leitor a considerar a viabilidade de que “a autobiografia da mulher que escreveu a Bíblia foi escrita por um homem” (Coelho, 1999, on-line.), conforme possibilidade levantada pelo estudioso. Essa perspectiva de desconstrução da teoria de Harold Bloom, de que uma das versões da sagrada escritura tenha sido escrita por uma mulher, também pode ser uma provável interpretação para o receptor.

Dessa forma, retomando a citação de abertura do romance – “Não era um escriba profissional, mas antes uma pessoa altamente sofisticada, culta e irônica, destacada figura da elite do rei Salomão [...], uma mulher, que escreveu para seus contemporâneos como mulher” (Scliar, 2007, p. 05) – e após concluir a leitura da obra, o leitor percebe que a personagem construída por Scliar (2007) não atende todos os requisitos de uma pessoa

culta e sofisticada, dado a forma autêntica de como ela se comporta no decorrer do enredo, isso porque a protagonista não segue protocolos e ainda expõe sua sexualidade de maneira erotizada, como também, não se configura como uma destacada figura da elite do rei Salomão. A sua superioridade, por ser uma pessoa letrada, só a torna importante em relação às outras mulheres. E, por fim, ela não escreve para os seus contemporâneos como mulher, tendo em vista que o seu texto é escrito sob orientação dos escribas, os quais determinam o que e como deverá ser escrito. Como a narradora-protagonista afirma, de certa forma, ela torna-se escrava do empreendimento do rei.

Podemos destacar, ainda, que o final do romance também desperta o interesse do leitor por igualmente se configurar como um espaço vazio. Pois, após conseguir realizar seu desejo, a mulher vai embora. Não é apresentado o desfecho do enredo e, consequentemente, da personagem, como retrata o seguinte fragmento:

O cara era bom de cama; e eu, estreando, não me saí mal. Meu ventre era como uma taça, e dessa taça ele sorveu, abundante, o vinho da paixão. Não foi a prosaica noite de núpcias que eu esperara: foi uma celebração, um verdadeiro banquete de sexo, todas as posições, todas as variações sendo experimentadas [...].

Levantei-me de madrugada. Ele dormia ainda, sonhando [...]. Beijei-o pela última vez e saí. [...]

Sem dificuldade, pulei o muro do palácio. Corri pelas ruas da cidade adormecida, em direção ao sul, ao deserto. Ia atrás de um certo pastorzinho. Se me apressasse, poderia encontrá-lo em dois ou três dias. À altura de certa montanha. E de suas enigmáticas, mas promissoras, cavernas (Scliar, 2007, p. 162).

A partir do fragmento citado, constata-se que, o romance se encerra de forma oposta ao esperado, porque depois de ter almejado e conquistado com dificuldade o “amor” do rei Salomão, a protagonista vai embora em busca de uma antiga paixão, o pastorzinho. Porém, não é revelado ao receptor se a moça conseguiu ou conseguirá alcançar esse objetivo. Tampouco se sabe quais as reações do monarca ao descobrir a fuga da esposa, deixando as suposições sobre o que poderia ter acontecido a cargo do leitor.

Consonante Coelho (1999): “O final do livro, desconcertante e como engolindo-se a si mesmo, recoloca a mulher – as mulheres – no anonimato que durante tantos séculos fez parte de sua condição”. Dessa maneira, o leitor comprehende que a narradora continua a sua jornada à procura de conquistar o seu lugar como mulher. Pois, na corte, ela foi tratada como serviçal, tendo como recompensa uma noite de prazeres com seu marido, explicitando, assim, as marcas da condição de submissão da mulher no sistema patriarcal: uma “mulher-objeto”, como defende Lúcia Zolin (2019).

Portanto, a “Estética da Recepção aposta na ação do leitor, porque dele depende a concretização do projeto de emancipação que justifica a existência das criações literárias” (Zilberman, 2008, p. 96). Nessa concepção, “o leitor configura-se como parceiro do texto, concretizando o processo dialógico que fundamenta a leitura” (Zilberman, 2008, p. 96). Parceria estabelecida quando ele assume o compromisso de completar o sentido do texto,

tornando-se elemento fundamental para preencher as lacunas deixadas pelo autor.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, constatamos que, por meio dos elementos teóricos e analíticos que fundam a Estética da Recepção, o romance de Moacyr Scliar (2007) permite uma relação dialógica com o leitor. Isso porque, em um primeiro momento, com base na sua experiência prévia de leitura, o receptor depara-se com um enredo que rompe com o seu horizonte de expectativas, pois a obra não aborda a temática sugerida pelo título *A mulher que escreveu a Bíblia*, dentro dos padrões de escrita e linguagem esperados para um conteúdo dessa natureza.

Ademais, a presença do sagrado, intimamente relacionada ao erotismo e à sexualidade, revelam-se demasiadamente ousadas para os moldes da época – século X a.C. –, principalmente por se tratar de um relato apresentado por uma mulher. Motivo pelo qual o leitor é levado a supor que tal narrativa tenha sido escrita pelo professor, o qual transmite a mensagem ao receptor. Pois, expressões como: “sonhava com uma trepada” (Scliar, 2007, p. 100); “caralho” (Scliar, 2007, p. 29) – como alusão ao órgão sexual masculino; “pau duro” (Scliar, 2007, p. 101); “a mulher cagando tudo” (Scliar, 2007, p. 104); são formas de linguagem facilmente atribuídas ao homem.

Além disso, existem os espaços vazios, os quais permitem, igualmente, que o leitor interprete o enredo da feia como sendo uma criação ficcional do professor, visto que este deixa claro a sua capacidade de inventar histórias para justificar sua escolha em se dedicar à terapia de vidas passadas. Nesse sentido, retomando as concepções de Jauss (1994), Zilberman (2015, p. 50) afirma que: “a obra pré-determina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário. [...] ela evoca o ‘horizonte de expectativa e as regras do jogo’ familiar ao leitor, ‘que são imediatamente alteradas, corrigidas, transformadas ou também apenas reproduzidas’ [...]”. Por isso, de acordo com Lima (1979), os lugares vazios exigem desse leitor uma participação ativa, tornando-o responsável pela construção de sentido da obra, atribuindo-lhe possíveis interpretações.

Em síntese, essa construção de sentido fica evidente também no final da narrativa, quando o autor deixa nas mãos do leitor o desfecho do romance, visto que não apresenta uma conclusão para a intriga, pois a mulher foge do palácio do marido e, com isso, não temos o desenrolar da história para que o leitor fique sabendo sobre as consequências desse ato da narradora-protagonista. Portanto, a partir das perspectivas adotadas pelos estudiosos da Teoria da Estética da Recepção, entendemos que, tanto através da mobilização do horizonte de expectativa, como por meio de prováveis interpretações, o leitor é instigado a participar, de forma efetiva, do processo de criação da obra, podendo levá-lo a uma nova percepção do mundo a sua volta. Visto que, por meio da sua prática leitora, além de utilizar as suas experiências prévias, ele adquire novos conhecimentos para leituras futuras.



Referências

- COELHO, Marcelo. A autora da Bíblia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, nov. 1999. Seção Livros. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2811199917.htm#:~:text=Moacyr%20Scliar%20resolveu%20brincar%20com,uma%20de%20suas%20700%20mulheres>. Acesso em: 03 fev. 2021.
- ISER, Wolfgang. O Jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa. Prefácio à segunda edição. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 09-36.
- SCLIAR, Moacyr. **A mulher que escreveu a Bíblia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina (org.). **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Ed. Elo, 1999. p. 15-22.
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2019. p. 183-193.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2019. p. 211-237.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.
- ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea: Estudos Neolatinos**. v. 10, n. 1, p. 85-97, 2008.

NOTAS DE AUTORIA

Ana Flávia da Silva Oliveira (flaviaoliveirapb@gmail.com) é Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELlus/CNPq). Professora da Rede Estadual de Pernambuco, em Sertânia, PE, Brasil.

Jaqueline Vieira de Lima (jaquueliima@gmail.com) é Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela mesma Instituição. Pós-Graduada em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Desenvolve pesquisas nas áreas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, com foco nos Estudos de Gênero.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

OLIVEIRA, Ana Flávia da Silva; LIMA, Jaqueline Vieira de. A estética da recepção e o leitor: uma leitura de *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01 -13, 2025.

Contribuição de autoria

Ana Flávia da Silva Oliveira: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Jaqueline Vieira de Lima: redação, discussão dos resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 28/08/2024

Revisões requeridas em: 05/04/2025

Aprovado em: 03/08/2025

Publicado em: 18/08/2025

